

luminárias, aqueles tapetes, aqueles jarrões com pequenas palmeiras, esquecendo as figuras das paredes, eu me julgava um sultão ou pelo menos, um aprendiz desse ofício, mas que já podia tirar o lenço...

Um dia saí com o barão húngaro e convidei-o para tomar o “meu” automóvel. Quando ele ia entrar, chegou-se um sujeito, apresentou-lhe uma carteira e disse-lhe:

– O senhor está convidado a ir à Polícia Central.

O barão não relutou e respondeu galantemente:

– Deve ser algum engano. Vamos.

Depois, dirigindo-se a mim:

– O doutor me desculpe... As autoridades brasileiras ainda não estão bem informadas de quem sou...

– Quer ir no “meu” automóvel?

– Não; seria incomodá-lo. Vou mesmo num táxi aqui com o senhor, disse, voltando-se para o agente.

No dia seguinte, soube que o tal barão era um terrível ladrão de bancos que a polícia do Chile perseguia, por ter roubado, com grande audácia, a um de Santiago, em cerca de cento e cinquenta contos. Não era húngaro, como se intitulava: era rumaico ou coisa que o valha.

Continuei, porém, no meu sonho de nada pensar de sério na vida. Quase não lia jornais; livros e revistas esperavam que lhes apontasse as páginas, em cima da mesa; não respondia às cartas ou mal as respondia, às pressas. Que mais queria? Tinha encontrado, ao mesmo tempo, os “Campos Elísios”, o “Éden”, o “Paraíso” cristão e o de Maomé. O clube de jogo juntava-me tudo isto no meu sentir e para o meu gozo. Vivia num arrebatamento deste mundo, fora dele e das suas coisas triviais, num encantamento divino... Que delícia!

– Como acabou, meu caro? perguntou-lhe o amigo que o ouvira calado até aí.

– Uma noite destas, fui para o serviço do clube, como de costume, e o porteiro, logo à entrada, me avisou: “A ‘casa’ fechou doutor; a emenda do senador Sá foi avante: não há mais jogo”.

Não quis subir, pus-me na rua e acendi o último dos “havanás” que o tal engenheiro russo me havia dado, na véspera. Fumei-o com volúpia e vagar, sacudindo as cinzas com pena – as cinzas do meu sonho! Certamente, esse seria o último que fumaria na minha vida... Foi um sonho!

Careta, Rio, 21-1-1922.

Lourenço, o Magnífico

1

QUEM CONHECEU, antes de 1914, o corretor Lourenço Caruru, hoje não o conhecerá mais.

Lembram-se todos que ele ia ali, ao Colombo, todas as tardes, tomar um ou dois *cock-tails*; e, se lhe apareciam amigos, logo raspava-se para não pagar mais. Tinha horror aos filantes; hoje, ele os procura, mas aos de alta escola que aprendem com os modestos pilhérias e ditos.

Lourenço Caruru, só no ano de 1917, ganhou líquido oitocentos contos.

Nos seus belos tempos dos dois *cock-tails* por tarde de Colombo, Caruru era um homem morigerado que, das “francesas”, só queria o cheiro; e, se por acaso, uma delas